

# INVESTIGAÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS<sup>21</sup>

*Tania Maria José Aiello-Vaisberg*

*“Não há nada no homem que não  
seja a um tempo social e psíquico.”*

*Fábio Herrmann*

## 1. INTRODUÇÃO

Em 1989, Denise Jodelet, dedicada colaboradora de Moscovici, organizou um volume que retrata a fecundidade com que o conceito de representação social vem sendo crescentemente usado no campo das ciências humanas. Questões antropológicas, sociopsicológicas, sociológicas e cognitivas têm sido tematizadas produtivamente por meio da elaboração conceitual moscoviciano, ao mesmo tempo que os mais variados objetos sociais – desde a representação social da psicanálise até a representação social da Aids, passando pela representação social da loucura, da homossexualidade, da feminilidade, do trabalho, do amor etc. – têm recebido a atenção dos pesquisadores.

Entretanto, o exame dessa produção revela que, metodologicamente falando, grande parte dos estudos se atém à utilização de procedimentos de coleta de dados limitados em sua capacidade de lançar luz sobre as dimensões inconscientes dos fenômenos. Disso resulta um tipo de conhecimento que não chega a instrumentalizar devidamente as intervenções que têm por finalidade a desconstrução de representações. Um exemplo concreto pode esclarecer esse ponto. Pensemos no

tratamento que os pacientes psiquiátricos soropositivos vêm recebendo nos hospitais e ambulatórios. Constatamos, entre profissionais de nível técnico e superior, o medo do contágio, em contraponto com uma curiosa teoria inconsciente, segundo a qual o perigo de contaminação é maior se o paciente for homossexual ou prostituta, e menor se for uma esposa fiel. Assim, os cuidados de assepsia são relaxados neste segundo caso, e exagerados no primeiro, acompanhando-se, inclusive, de hostilidade mais ou menos encoberta. Não temos dúvida, no que concerne à real possibilidade de mudança, de que somente quando a pesquisa pode produzir conhecimento acerca do inconsciente relativo da representação social da soropositividade, transcendendo a mera constatação comportamental, podem ser idealizadas intervenções que focalizem não apenas os aspectos informativos acerca do contágio, como também o substrato afetivo-emocional que estrutura a representação e fundamenta a relação profissional-paciente.

Consideramos extremamente necessárias investigações que elucidem o campo estruturante das representações sociais, para, a partir disso, ser possível a concepção de intervenções pertinentes, de acordo com o paradigma clínico. Tal elucidação, entretanto, exige o emprego de procedimentos de coleta adequados ao propósito visado. É exatamente nesse ponto que um intercâmbio fecundo pode se dar entre cientistas sociais e psicólogos clínicos, na medida em que estes últimos, mediante anos de estudo e treinamento, dominam o método clínico-psicanalítico em suas variadas expressões técnicas, desde a sessão psicanalítica até os diversos procedimentos projetivos.

Em vista de uma série de características, que receberão a devida atenção no decorrer desta exposição, pensamos que merece destaque especial, entre os procedimentos projetivos, o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, que foi desenvolvido a partir do Procedimento de Desenhos-Estórias (Trinca, 1987), tendo em vista a pesquisa de representações sociais. Sua utilização em diversos trabalhos<sup>22</sup> proporcionou uma riqueza de material passível de ser interpretado psicanaliticamente, elucidando os pressupostos lógico-emocionais estruturantes das representações, vale dizer, seu inconsciente relativo<sup>23</sup>, o que pode viabilizar a construção de um conhecimento que, apropriadamente, pode vir a ser denominado psicodinâmica das representações sociais.

Entretanto, antes de abordar especificamente o uso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema na pesquisa de representações sociais, consideraremos algumas questões básicas, relativas à transdisciplinaridade que preside a articulação do Procedimento, como expressão do método psicanalítico, com a teoria das representações sociais.

## **2. TRANSDISCIPLINARIDADE E PERSPECTIVA PSICODINÂMICA DO ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**

O conceito de representação social tem-se revelado uma ferramenta teórica extremamente útil à pesquisa em diversos campos de investigação na área das ciências humanas (Jodelet, 1989a), de modo que é correto afirmar que as representações sociais constituem um campo transdisciplinar. Tal campo demanda certa organização, para discriminar o que cada enfoque oferece como contribuição específica e o que tem em comum com os demais, bem como as formas mais ou menos promissoras de interlocução. As principais propostas de entendimento de organização dessa transdisciplinaridade são, a nosso ver, aquelas formuladas por Jodelet (1989b)<sup>24</sup> e Sperber (1989)<sup>25</sup>, as quais nos parecem bastante interessantes, mas insuficientemente fundamentadas, razão pela qual julgamos oportuno apresentar uma visão diversa, apoiando-nos na ordenação do campo psicológico proposta por Bleger (1977), conforme a elaboração que faz das contribuições de Politzer (1928)<sup>26</sup>, e na Teoria dos Campos, desenvolvida, entre nós, por Herrmann (1992)<sup>27</sup>.

Pensamos que as representações sociais são, de fato, um fenômeno extremamente complexo, que deve ser visto como tentativa de recuperação de um fazer ciência mais comprometido com a consideração das condições concretas de vida do ser humano, como *condutas*, na acepção dialética que o termo assume na obra de Bleger (1977)<sup>28</sup>. Mais especificamente, as representações sociais dizem respeito a um grupo particular de condutas, definidas por ocorrerem na área mental<sup>29</sup> e em âmbito sociodinâmico<sup>30</sup>, na medida em que correspondem a *manifestações simbólicas de subjetividades grupais*.

Esse grupo particular de condutas, do mesmo modo que todas as condutas, em sua qualidade de manifestações humanas, pode ser tomado como objeto por todas as ciências humanas, as quais se diferenciariam entre si na medida em que cada uma se definisse como *uma perspectiva particular de análise das manifestações simbólicas das subjetividades grupais*.

Entendemos que a perspectiva psicodinâmica pode fundamentar o campo de investigação precisamente na medida em que inaugura nova forma de olhar o objeto humano, construindo, por assim dizer, um objeto teórico específico. A perspectiva psicodinâmica constitui-se por intermédio de um olhar informado pelo método psicanalítico, o qual, por seu turno, possibilita, em termos técnicos, a existência da psicologia projetiva, como campo de criação e inventividade de procedimentos investigativos, tanto no que se refere à pesquisa psicodiagnóstica (Trinca, W., 1984) quanto à pesquisa acadêmica de todo o tipo. Ou seja, o método fundamenta a perspectiva e, harmonicamente, possibilita a concepção de procedimentos coerentes. O Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, desenvolvido a partir do Procedimento de Desenhos-Estórias de Trinca, ao envolver a arte e a técnica firmemente fundamentadas no método psicanalítico, concretiza essa perspectiva de modo extremamente produtivo e fecundo no campo da pesquisa de representações sociais.

Classicamente, as representações sociais são conceituadas como tentativas de diminuir a angústia existencial, tornando familiar o desconhecido, numa visão coerente com a teoria psicanalítica do pensamento como tentativa de organização da experiência emocional. A teoria das representações sociais contém a possibilidade de se considerar o aparelho psíquico de modo bastante diferente daquele costumeiramente encontrado no campo da cognição social, ou seja, como uma espécie de computador que processa “a frio” a informação provinda do meio ambiente. De fato, tendo por ponto de partida uma visão do pensamento que se articula harmoniosamente com a psicanálise, pode-se beneficiar da adoção do modelo de funcionamento mental regido pelos dois princípios – prazer e realidade – como base explicativa da dupla estrutura, conceitual e icônica, da representação.

Se aceitarmos as proposições freudianas acerca do pensar, distinguindo os processos primário e secundário, cabe perguntar como deveriam ser

vistas as formas de pensamento social. De acordo com essa perspectiva, as representações sociais devem ser consideradas *expressão simultânea tanto do acatamento do princípio de realidade, na medida em que visam o conhecimento do mundo, como da sobrevivência mental do fantasiar, com vistas à obtenção da satisfação de desejos no âmbito das subjetividades grupais*. A aceitação da transposição das formulações teóricas acerca do aparelho psíquico, do âmbito individual para o grupal, justifica teoricamente a proposição de uma *perspectiva psicodinâmica*<sup>31</sup>, devotada especificamente à elucidação do inconsciente relativo do pensamento social. Essa transposição está epistemologicamente justificada pela possibilidade de generalização do inconsciente freudiano como dimensão geradora de toda a atividade significativa humana (Herrmann, 1992), que torna a psicanálise uma ciência da psique em geral, e não apenas do “aparelho psíquico individual”. Os conhecimentos construídos a partir daí poderão vir a fornecer uma base sólida para as intervenções psicoprofiláticas que visem transformações em condutas de grupos e instituições. Ou seja, exatamente por proporcionar um conhecimento que transcende a dimensão cognitiva das representações, focalizando seu substrato afetivo-emocional, como campo ou inconsciente relativo, a psicodinâmica das representações sociais instrumentaliza-se eficientemente naquelas situações em que as mudanças não podem ocorrer em virtude de resistência emocional.

### **3. PESQUISA DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, PSICOLOGIA PROJETIVA E METODOLOGIA PSICANALÍTICA**

A investigação das representações de diferentes grupos sobre o doente mental, à qual temos nos dedicado nos últimos anos<sup>32</sup>, norteia-se pelo interesse, eticamente fundado, na modificação de práticas sociais psiquiatricamente prevalentes. Concebemos a pesquisa de representações sociais comprometida com um trabalho maior de *desconstrução* de representações restritivas e estereotipadas e de elaboração de outras, mais flexíveis e criativas, adotando uma abordagem que se inscreve, em tradições do pensamento que valorizam a não

dissociação entre a teoria e a prática, entre a produção e a aplicação do conhecimento, entre o pensamento e a ação. A psicologia clínica, dialeticamente elaborada por Bleger (1958; 1977), fundamentada no método psicanalítico, e a investigação-ação, no campo das ciências sociais, são exemplos desse modo específico de articular a investigação científica e a necessidade de promover mudanças. Ora, quando se articulam a busca de conhecimento e o desejo de transformação no campo das ciências humanas, aparecem evidentemente problemas novos. Alguns desses problemas derivam, exatamente, da exigência lógica de que a idealização dos projetos de pesquisa leve em conta, desde o primeiro momento, o interesse básico em transformações.<sup>33</sup>

Nessa linha, pensamos que as pesquisas sobre a psicodinâmica das representações sociais, primariamente interessada na detecção dos campos lógico-emocionais estruturantes, visam o conhecimento do aspecto afetivo inconsciente. Tornam-se, assim, desejáveis os procedimentos de pesquisas que não apenas permitam a detecção dos dados, como também propiciem ou facilitem mudanças a partir da elaboração reflexivo-vivencial dos próprios sujeitos, de acordo com o paradigma clínico. A clínica psicodinâmica permite a expressão subjetiva, a interpretação e a transformação. Traz, assim, ensinamentos que podem ser transpostos ao âmbito sociodinâmico, articulando vinculadamente a investigação e a intervenção.

No primeiro momento desse tipo de trabalho, faz-se necessária a expressão subjetiva, desde a qual as dimensões psicodinâmicas podem ser interpretadas. Considerando-se que as representações sociais, como formas de pensamento, enraízam-se no inconsciente, regido pelo processo primário, torna-se fundamental o uso de técnicas especiais que permitam sua captação. Tradicionalmente se reconhece que a interpretação onírica, na psicanálise clínica, por meio do procedimento de associação livre, e os procedimentos projetivos são métodos pelos quais se pode ter acesso relativamente facilitado ao inconsciente. Evidentemente, os dados acerca das representações sociais podem ser colhidos por qualquer um desses meios, bem como por outras técnicas psicológicas, desde que cada caso estudado seja visto como genérico, ou seja, como representativo dos grupos a que pertence, superando-se, assim, o mito do homem isolado (Bleger, 1977)<sup>34</sup>. A nosso ver, do ponto de

vista pragmático, os procedimentos projetivos oferecem muitas vantagens no sentido da aplicabilidade à pesquisa, sendo alguns particularmente flexíveis, como é o caso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, adaptando-se facilmente à pesquisa de diferentes objetos sociais em grupos de sujeitos com características variadas. Entretanto, constatamos que, malgrado seu potencial, têm sido subutilizados cientificamente no âmbito sociodinâmico. Aparecem em pequeno número de trabalhos, embora a ideia de seu emprego seja relativamente antiga (Henry, 1967). Esse estado de coisas se explica, a nosso ver, pelo fato de os procedimentos projetivos requererem experiência em clínica psicológica, o que, como sabemos, não é fácil de se adquirir. Por outro lado, a riqueza de material passível de se obter desse modo justifica o convite aos clínicos para trazerem sua contribuição metodológica às equipes de pesquisadores dessa área de conhecimento.

No campo da pesquisa social, quando são estudados grupos problemáticos e questões problemáticas, ou seja, quando se pode esperar dificuldades na expressão dos sujeitos, são utilizadas *técnicas encobertas de pesquisa* (Proshansky, 1967). Essas dificuldades podem ser variadas. Há casos em que os sujeitos não são capazes de articular ideias e sentimentos em conformidade com a demanda dos pesquisadores. Assim, procedimentos especiais, por seu caráter indireto, podem evitar distorções oriundas das limitações dos sujeitos na utilização de modos discursivos característicos de camadas sociais mais instruídas do ponto de vista formal. Outras vezes, os sujeitos expressam-se de modo “politicamente correto”, porque conhecem as expectativas acerca de certos temas, omitindo ou transformando propositadamente suas representações (Kirk, Miller, 1986). Em outros casos, o interesse da pesquisa aconselha o uso de procedimentos especiais, porque sabemos, baseados em conhecimento psicanalítico, que os sujeitos não têm acesso aos determinantes inconscientes de seu pensamento, cuja elucidação é, em certas situações, imprescindível. Essa particularidade da condição humana, que pode ser abstraída em certas situações, de acordo com determinados interesses de pesquisa, certamente interfere de modo decisivo quando são abordados temas socialmente problemáticos. Quando falamos de perspectiva psicodinâmica da análise das representações sociais, estamos focalizando precisamente os determinantes afetivos inconscientes. Eles requerem o

uso de técnicas encobertas, que ensejem a expressão de material passível de possibilitar a captação do campo.

As técnicas encobertas podem ser identificadas pelo fato de que, *no primeiro momento, não deixam visível sua aplicação, ou não deixam visíveis os objetivos de uma aplicação percebida*, com a finalidade de não criar situações que, no limite, inviabilizariam a própria realização da pesquisa. Ainda que problemas de ética da pesquisa e do atendimento devam ser profundamente discutidos, em muitos casos fornecer aos sujeitos informações completas e detalhadas sobre a investigação pode levar à impossibilidade real do estudo de certos fenômenos.

Parece importante, como veremos abaixo, distinguir as técnicas encobertas em termos de seu *grau de visibilidade*. Quando a técnica é minimamente visível, os sujeitos sequer percebem que estão sendo investigados. Como exemplo, podemos citar certo tipo de observação participante em que o pesquisador, sem ser conhecido como tal, registra dados oriundos das interações espontâneas entre os membros de uma equipe multidisciplinar, focalizando as representações sobre pacientes aidéticos, sem o conhecimento prévio dos sujeitos. Por outro lado, procedimentos que se caracterizam pelo fato de os sujeitos saberem que estão sendo investigados, desconhecendo o modo como isso é feito, podem ser considerados procedimentos encobertos maximamente visíveis. Eles correspondem precisamente aos métodos projetivos, os quais, em muitos casos, se revelam mais convenientes por dois diferentes tipos de razão. Como a massa de informações provenientes das técnicas encobertas e não projetivas é muito grande, sua organização fica extremamente dificultada; com as técnicas projetivas ocorre o contrário, porque são caracterizadas por quantidade expressiva de dados passíveis de ser organizados e interpretados de modo mais metódico. De outro lado, porque certas questões éticas ficam mais bem resolvidas quando os sujeitos concordam em participar das atividades de pesquisa, aceitando, inclusive, o fato de não poderem ter todas as informações acerca dos objetivos *anteriormente* à própria participação.

Cabe, entretanto, indagar acerca do que define, exatamente, o procedimento projetivo como modalidade de investigação encoberta. De acordo com Proshahsky (1967), seu traço fundamental reside no fato de as expressões não serem compreendidas apenas a partir do significado que



conscientemente o próprio sujeito lhes atribui, e sim de serem *interpretadas em termos de alguma conceituação psicológica preestabelecida*. Importam menos os meios de coleta utilizados do que o modo como será tratado o material, de sorte que é até certo ponto secundário se aos sujeitos é solicitado que interpretem situações, respondam a perguntas ou questionários, narrem estórias sobre gravuras, desenhem, façam dobraduras, colagens etc. É igualmente secundário o grau de estruturação dos estímulos apresentados, como critério diferenciador entre instrumentos projetivos e não projetivos. Torna-se coerente o abandono da ideia de que os métodos projetivos se definem essencialmente por ser pouco estruturados. Evidentemente, o grau de estruturação interferirá, determinando maior ou menor liberdade do sujeito quanto a impor seus próprios significados e organização à tarefa, mas o grau de estruturação não definirá o caráter do procedimento. Um desenho livre, um desenho temático, a leitura de um poema ou as associações fornecidas às pranchas do Rorschach podem ser projetivamente interpretados, ainda que essas diferentes tarefas apresentem diferentes graus de estruturação.

O entendimento de Proshansky (1967) parece bastante interessante, na medida em que amplia consideravelmente a definição dos procedimentos projetivos. Entretanto, deixa de considerar o passo anterior, que, a nosso ver, caracterizaria com maior rigor o tipo de tratamento dispensado pelo pesquisador ao material projetivo. Esse passo consiste exatamente no *detalhamento* de como se viabiliza o abandono dos significados que o próprio sujeito conscientemente atribui às suas comunicações, *o que corresponde à utilização do método psicanalítico*. De fato, quando Proshansky (1967) diz que as expressões são interpretadas conforme alguma teoria psicológica previamente estabelecida, ele preconiza um uso problemático da teoria.

Uma crítica cuidadosa a esse tipo de uso da teoria é encontrada na teoria dos campos, de Herrmann (1992). Ele aponta que, na prática, teorias específicas para interpretar o material clínico tendem a provocar perene autocomprovação, configurando um saber de cunho tautológico. Demonstra que *a aplicação do método psicanalítico pode produzir teoria*, ao revelar novos sentidos para as manifestações humanas, descortinando em diferentes níveis seus campos estruturantes. Ou seja, não se trata da

aplicação de um corpo doutrinal pré-escolhido sobre material clínico, e sim da utilização de um método de escuta que, operando de forma bastante específica, possibilita a apreensão de determinantes lógico-emocionais estruturantes da manifestação psíquica em estudo. Mais precisamente, permite a apreensão de diferentes níveis de determinação, os quais são convenientemente levados em consideração, do ponto de vista interpretativo, de acordo com sua pertinência ao que se refere à desconstrução representacional eventualmente pretendida.

Uma exposição verdadeiramente prazerosa da essência do método psicanalítico, à qual remetemos o leitor interessado no detalhamento, é fornecida por Herrmann (1989). Ele considera esse método, fundamentalmente, uma *forma subversiva de ouvir*, na medida em que é quebrado um acordo social tácito que, no cotidiano, restringe o significado das comunicações. Por isso, afirma expressivamente que fazer psicanálise é um modo de ouvir fora da rotina (Herrmann, 1994). Assim, interpretar corresponde a romper os limites que a rotina impõe aos significados das comunicações entre as pessoas, sendo que é justamente essa ruptura que poderá produzir conhecimento e/ou cura. Ouvindo subversivamente se pode chegar, inclusive, à recriação da própria mensagem, estabelecendo-se, aí sim, uma interlocução com alguma conceituação teórica preestabelecida; o que é muito diferente de interpretar usando a teoria como “chave”.

Por seu turno, a ideia de escuta subversiva pode ser mais bem apreendida das contribuições winnicottianas referentes aos objetos e fenômenos transicionais (Winnicott, 2000). Estes podem elucidar os processos subjetivos subjacentes ao uso dos procedimentos projetivos, como já adiantou Shentoub (1981), ainda que se restringindo ao TAT. Assim, do ponto de vista psicanalítico contemporâneo, é possível explicar o processo projetivo de modo transicional, entendendo-o como uma *forma sofisticada de brincar*, de modo que seu paradigma não é mais o teste psicométrico, mas a hora ludodiagnóstica e o jogo do rabisco. As perguntas são transicionalmente formuladas, feitas por imaginação simbólica, e as respostas são dadas da mesma forma. Pode-se, então, ser proposto para as situações em que os sujeitos sabem que estão sendo psicologicamente estudados (mas não *como* estão sendo estudados) o procedimento projetivo como aquele que engloba *tudo o que, com uma*

*forma sofisticada de brincar, propicie conhecimento acerca da subjetividade, mediante o uso, pelo pesquisador, de um método de escuta que subverta o acordo consensual dos significados cotidianos e propicie a emergência de novos sentidos.* Aquilo que há de emergir corresponde ao chamado inconsciente relativo, vale dizer, ao campo ou aos determinantes lógico-emocionais estruturantes das manifestações subjetivas.

Sabemos que, historicamente, os chamados testes projetivos foram idealizados segundo a mesma linha de pensamentos que norteou a elaboração dos testes psicométricos, ou seja, a partir da perspectiva positivista, que considerava que o dado “já estava lá”, requerendo apenas ser descoberto de maneira rigorosamente objetiva<sup>35</sup>. A meta, então, era tornar o teste projetivo mais parecido possível com aqueles concebidos para a mensuração da inteligência. Observou-se uma drástica mudança de rumo, em consonância não apenas com o aumento de prestígio das instituições psicanalíticas nas décadas de 1940 e 1950, mas, sobretudo, com os avanços da filosofia das ciências, que passou a criticar cada vez mais veementemente o conceito positivista de objetividade, bem como o ideal irrealista de não interferência do pesquisador sobre a realidade estudada. Desenvolveram-se ideias a partir das quais os testes projetivos passaram a ser considerados procedimentos cientificamente válidos, devendo ser interpretados como comunicação entre sujeitos cujo psiquismo não é diretamente acessível, de modo completo, pela introspecção e/ou pela mera observação do comportamento manifesto. Ou seja, hoje é possível propor os procedimentos projetivos como formas especiais de diálogo, em que o sujeito responde sabendo que o dito não será considerado de acordo com as regras geralmente observadas nas situações cotidianas, mas de modo que ele pessoalmente desconhece. Trata-se, portanto, de um diálogo lúdico. O rigor e a cientificidade ficam por conta da estrutura da própria situação dialógica, em certo sentido correspondente ao *ambiente humano natural* (Bleger, 1977), a partir do qual, mediante certos cuidados operacionais, se garante que o campo interacional se estruture predominantemente desde a perspectiva da personalidade dos sujeitos pesquisados.

Durante a interação, o pesquisador “brinca”, fazendo uma proposta projetiva, que é sempre *uma pergunta feita de modo cifrado*. Desenhe, conte uma estória, faça uma dobradura, dramatize, seja o que for,

correspondem a uma pergunta indireta. Assim, o pesquisador “brinca” ao perguntar, substituindo as questões conceituais por uma espécie de enigma imaginário, ao qual o sujeito só pode responder “brincando”. O sujeito “brinca” ao fazer de conta que só está atendendo à demanda manifesta, quando sabe estar fazendo mais do que isso. Aliás, quando a capacidade de brincar está bloqueada, avizinha-se dos funcionamentos mentais francamente problemáticos, pertencentes ao campo da psicopatologia das psicoses.

Mas a ludicidade não se restringe ao acontecer da aplicação. Ao interpretar de modo fiel a essência do método psicanalítico, o pesquisador também “brinca”, especialmente se mantém relação criativa, espontânea e não defensiva com o método. Se a teoria decorrente da aplicação do método é vista como uma construção possível nesse momento, como um produto do trabalho humano que faculta uma aproximação esclarecedora à complexidade fenomênica, o pesquisador pode brincar. Se é tomada como uma revelação, torna o estudioso reverente, cristalizado e defensivo. Quando adota postura propícia, o pesquisador pode apreender o que, num *flash*, o sujeito traz acerca do modo como se vincula a determinados objetos sociais, bem como apreender o inconsciente relativo dessa relação, lembrando-nos de que qualquer transformação passa pelo *insight* que a ruptura do campo pode ensejar.

Trabalhando a questão metodológica no contexto da investigação psicanalítica, Silva (1993) parece ter captado com precisão e sensibilidade a face lúdica da pesquisa como propiciadora de emergências da determinação inconsciente, nas quais se incluem, como explicitamente ela reconhece, as investigações projetivas. Diz, então:

*O método da psicanálise apresenta-se com uma dupla face: de um lado, a associação livre — oferta de material sem crítica ou intenção predeterminada; de outro, a atenção flutuante — captação de material sem crítica ou intenção predeterminada. Na prática, isso se traduz por uma espécie de jogo em que as fantasias de ambos os interlocutores se organizam em busca de um consenso sempre questionado a respeito do avesso do que foi dito (...). A transposição dessas condições de investigação — ou desse campo psicanalítico — do consultório para o campo de pesquisa sofre, naturalmente, ajustes adequados à fonte do material estudado: sessão psicanalítica, entrevista, teste projetivo, livro, obra de arte, lenda, costume e instituições sociais, religiosas ou científicas. (Silva, 1993, p. 21)*

Assim, entendendo a relação do pesquisador com o material pesquisado como um brincar sofisticado, essa autora propõe que devem ser observados alguns aspectos essenciais, que possibilitam a emergência de novos sentidos. Faz, então, algumas recomendações, as quais, a nosso ver, se revelam muito produtivas quando usadas nas pesquisas elaboradas com o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema. A primeira delas é a de que o tema a ser investigado seja abordado desde um estado de desprendimento máximo em relação a conhecimentos ou teorias anteriores, de modo tal que se renuncie à segurança de um saber prévio em favor da assunção de uma curiosidade receptiva, que se faz por meio de uma atitude de paciência e espera de que novos significados emergam a partir da expressão dos sujeitos. Para Silva (1993), tal atitude tem origem na adoção de uma crença específica:

*Para se contrapor ao medo de que nada de novo surja, ou à necessidade imperiosa de mostrar eficiência, há que se acreditar no eterno movimento da vida, na natureza sempre pulsando em direção à representação, e ficar tranquilo de que um sentido sempre acabará por se fazer, porque é da ordem do humano que isto aconteça. (Silva, 1993, p. 22)*

Num passo seguinte, quando emerge o sentido na relação do pesquisador com o material estudado, acontece uma reestruturação do campo observado que, então, poderá vir a ser articulado com conhecimentos teóricos e empíricos anteriores, bem como gerar novo saber. Silva (1993) resume, então, seu conselho metodológico:

*A pressa deve estar em ir a campo, e aí colher todos os dados que caírem na rede da atenção flutuante, sem hipótese a ser testada, sem objeto muito bem definido, sem ansiedade de chegar rapidamente a uma compreensão desde sempre resenhada na introdução do trabalho. Deixar que os dados, em sua variedade e dispersão, repousem por algum tempo em nossa mente. Esta deve suportar o acúmulo de estímulos e a ausência de significação. Ter paciência para esperar que o inconsciente faça o seu trabalho e que a emergência do significado venha enfim aliviar a angústia do pesquisador e abençoá-lo com uma teoria provisória nascida de seu material de estudo. (Silva, 1993, p. 24)*

A pesquisa acerca da psicodinâmica das representações sociais, que visa a captação do inconsciente relativo, ou seja, das determinações lógico-emocionais estruturantes, pode ser produtivamente realizada a partir do uso de procedimentos projetivos, tanto no que se refere à “coleta”

propriamente dita, ou seja, à constituição de condições propiciadoras da emergência de material inconsciente, como no que se refere à análise interpretativa dos dados, entendida como forma sofisticada de um brincar que se faz em dois tempos: o tempo da expressão do sujeito e o tempo da interpretação.

#### **4. O PROCEDIMENTO DE DESENHOS-ESTÓRIAS COM TEMA**

Sabemos que o primeiro estudioso a aplicar o método psicanalítico na investigação do inconsciente relativo de produções culturais e artísticas foi o próprio Freud, de modo que não surpreende o fato de que muitos autores conceituados possam defender o uso desse método na pesquisa de determinações inconscientes das manifestações subjetivas fora do *setting* tradicional, desde que alguns ajustes sejam realizados, como menciona Silva (1993). Esses ajustes precisam ser tomados em consideração, dizendo respeito, especialmente, à inserção da pesquisa como atividade científico-institucional na sociedade contemporânea, que se defronta necessariamente com limitações de tempo, de custos e de formação de pessoal.

Muito conhecimento pode vir à luz por intermédio da atividade cotidiana dos psicanalistas clínicos. Lamentavelmente, nem todos têm a disciplina do registro adequado dos fenômenos observados, realizar interlocuções produtivas com outros estudiosos. No entanto, mesmo quando isso acontece, é próprio do processo analítico, tirante as modalidades de psicoterapias breves de orientação psicanalítica, haver um elevado grau de não submissão a controles exteriores de prazo para a ocorrência do que quer que seja. Pior: as expectativas de ocorrência deste ou daquele fenômeno simplesmente comprometem destrutivamente a utilização do método no *setting* de consultório. Assim, a pesquisa institucionalmente organizada só pode aspirar à utilização do método psicanalítico em situações nas quais se possa lidar mais pragmaticamente com o fator tempo. Os custos da investigação, como encargo social que representam, também precisam ser pesados, bem como o grau de sofisticação que a formação do pesquisador requer. Parece-me que é justamente nesse ponto que os procedimentos projetivos, como

modalidades técnicas fundamentadas no método psicanalítico, podem trazer sua efetiva contribuição, na medida em que estruturam melhor o tempo da coleta e o tempo da interpretação do material.

No que se refere à pesquisa de representação social, que remete a objetos sociais específicos, o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema apresenta-se como alternativa inegavelmente fecunda. Realmente, qualquer procedimento projetivo pode ser adaptado à pesquisa de representações sociais. Como exemplo, podemos citar alguns trabalhos próprios. Desta feita, já utilizamos, projetivamente, dramatizações (Aiello-Tsu, 1994a), pesquisando representações de profissionais de saúde sobre clientela portadora de deficiências físicas e/ou sensoriais, obtendo material muito rico. Em outra ocasião, trabalhamos com dobraduras de papel, desde um enfoque projetivo, investigando representações de estudantes de psicologia acerca dessa profissão (Aiello-Vaisberg, Ferreira, 1995), com resultados bastante produtivos. Estamos, ainda, orientando trabalhos que usam pranchas do tipo TAT na pesquisa de representações de diferentes objetos sociais. Entretanto, o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema apresenta algumas vantagens adicionais.

A primeira dessas vantagens refere-se à facilidade com que se pode treinar um pesquisador em sua aplicação. De acordo com nossa experiência, alunos de graduação podem aplicar, no âmbito da pesquisa acadêmica, tanto o Procedimento de Desenhos-Estórias como o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, com correções confiáveis em termos de rigor científico. Além disso, o material é registrado de forma a possibilitar sua interpretação por pesquisador que não tenha feito pessoalmente a coleta, o que maximiza o aproveitamento dos recursos humanos requeridos pelos projetos de pesquisa. De fato, consiste a aplicação no pedido de um desenho temático: desenha um doente mental, um deficiente físico, uma pessoa gorda, um menino com dificuldade de aprender, um menino que faz xixi na cama, um gênio, um velho, uma criança-problema, um hospital psiquiátrico, uma escola, férias felizes etc. Findo o desenho, pede-se ao sujeito que invente uma estória sobre o desenho. Observa-se que quando a aplicação for coletiva, espera-se que todos terminem a realização do desenho e, com as folhas desenhadas sobre as mesas, solicita-se que inventem a estória e a registrem por escrito no verso do desenho. Quando a aplicação for

individual, o próprio examinador escreve a estória relatada. Como se pode perceber, praticamente qualquer tema é passível de ser investigado por meio do Procedimento, desde que uma instrução possa ser formulada, o que não é difícil. O estabelecimento do enquadre para a pesquisa não difere do usado para a aplicação de outros procedimentos projetivos. As respostas às dúvidas vão sempre na linha do encorajamento da expressão pessoal, enfatizando-se a inexistência de exigências específicas além das instruções propriamente ditas.

O Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema partilha com aquele que o originou (D-E) a particularidade de poder ser aplicado a sujeitos de qualquer faixa etária, em diferentes condições psicopatológicas, inclusive nos quadros graves, em diferentes graus de instrução formal e em diferentes níveis intelectuais, mesmo falantes de idiomas diferentes daquele do pesquisador, o que lhe confere grande versatilidade. Em experiências didáticas de pós-graduação, os alunos têm empregado o Procedimento desde crianças muito pequenas, pesquisando, por exemplo, a representação social da enurese, até juízes e promotores, pesquisando a representação social da maternidade. Diferentes tipos de sujeitos têm conseguido se expressar de modo a oferecer material de pesquisa surpreendentemente revelador de aspectos que interessam do ponto de vista da psicodinâmica das representações sociais.

Outra vantagem, de modo algum desprezível, consiste na mencionada possibilidade de a aplicação ser individual ou coletiva. Sabemos que existe interesse, em relação a alguns temas, na investigação de grande número de sujeitos, o que normalmente tornaria a pesquisa “mais superficial”. Muitos pesquisadores consideram que uma apreensão panorâmica dos fenômenos humanos está condenada a desconhecer os determinantes inconscientes, em virtude do uso frequente de instrumentos mais superficiais, como os questionários. Essa crença muitas vezes se fundamenta no incorreto entendimento do que seja o inconsciente, concebido como uma espécie de segunda consciência oculta no interior do sujeito individual, e não como um campo estruturante das relações humanas, consideradas em qualquer âmbito ou área, segundo a aceção de Bleger (1977). Entretanto, não há como negar que não é fácil, do ponto de vista pragmático, estruturar condições propícias à captação do inconsciente relativo quando é focalizado um



número grande de sujeitos. Assim, quando se quer apreender as determinações inconscientes das representações sociais, muitas vezes se recorre, por exemplo, às obras literárias, considerando-se que o autor expressa, por exemplo, “o espírito de seu tempo” ou “o espírito da sociedade em que viveu”. Acreditamos que tal suposição seja correta, de modo que nada temos contra os estudos que focalizem, por exemplo, as representações sociais deduzidas da análise de telenovelas ou de material didático para a alfabetização de crianças, desde que seja convenientemente aplicado o método psicanalítico. Por exemplo, entre nós, a literatura infantil tem sido usada para pesquisar as representações de deficientes físicos (Amaral, 1995) ou de negros (Ribeiro, 1995), trazendo informações substantivas de inegável valor.

Entretanto, esse tipo de investigação pode ser perfeitamente complementado por trabalhos que permitam a expressão direta de professores, empregadores, profissionais de saúde etc. sobre pessoas portadoras de deficiências, negros, soropositividade, adoção, trabalho feminino e outras, que não fiquem apenas no nível das declarações “politicamente corretas” originárias de procedimentos não encobertos de pesquisa. Cremos ter apresentado um panorama do lugar que ocupa um procedimento de fácil aplicação coletiva e de relativamente rápida aplicação individual, capaz de desnudar as linhas lógico-emocionais que sustentam as representações sociais, como é o caso do D-E (T).

Uma vez que, do ponto de vista do estudo das representações sociais, as obras de arte não são focalizadas em função de seu mérito estético, e sim desde a perspectiva psicológica, ao propiciar a expressão gráfico-verbal dos sujeitos, pode-se dizer que o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema enseja o equivalente de uma produção artística. Entretanto, há que se considerar que não se realiza psicodiagnóstico por meio do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, uma vez que ele não faculta a apreensão dos determinantes inconscientes da personalidade de cada indivíduo. Isso, sem dúvida alguma, se obtém por meio do Procedimento original (D-E) no contexto do diagnóstico compreensivo (Trinca, W., 1984). *Pode-se, isso sim, apreender o inconsciente relativo da própria representação, mas nunca o inconsciente do particular indivíduo que se submete ao Procedimento. Pode-se, também, apreender o inconsciente relativo da representação de determinado grupo social, da subjetividade*

*grupal*. Não há como obter conhecimento acerca da personalidade individual, porque esta não está contextualizada dramaticamente, como ocorre na clínica. *Em contrapartida, há como conhecer o campo estruturante da representação social, porque a dramática grupal é psicologicamente apreensível com o auxílio das ciências humanas afins.*

Caberia perguntar, entretanto, se vale a pena pesquisar representações acerca de objetos sociais que, como todos sabem, são objetos de rejeição e de preconceito, no intuito de detectar seus pressupostos lógico-emocionais estruturantes. Todos sabemos que o doente mental é tradicionalmente excluído do mundo social, de forma mais ou menos velada, de acordo com o momento histórico e/ou as características sociopsicológicas do segmento social considerado. A aplicação especulativa da teoria psicanalítica (possivelmente estribada no clássico uso da explicação do fenômeno do preconceito) leva facilmente tanto à constatação de que existe hostilidade e preconceito mais ou menos encobertos contra o doente mental como também à dedução de que tais reações ocultam, precisamente, o medo do próprio enlouquecimento. Chega-se rapidamente à teoria da paranoia, entendendo-se que o mau (o frágil, o estragado, o danificado etc.) próprio do sujeito é projetado sobre um depositário externo. Essas ideias provavelmente veiculam certa verdade. Justificariam mais pesquisas? A utilidade destas (ou a sua “verdade”), para efeitos de desconstrução das representações estereotipadas, preconceituosas e restritivas, é delicada, por mais de um motivo.

A experiência clínica acumulada indica que devemos partir da admissão de que a especulação que fazem versa sobre uma verdade. Defrontamos, portanto, com o problema da paranoia. É noção elementar em psicopatologia psicanalítica que o retorno puro e simples do projetado só pode aumentar a psicotização, seja por incremento defensivo da cisão, seja por queda em estado confusional. A utilidade transformacional dessa verdade é discutível, ainda que deva permanecer sempre na mente daquele que pretende facilitar as desconstruções representacionais, principalmente em âmbito sociodinâmico. Diferentes caminhos devem ser trilhados antes de o sujeito poder se defrontar com suas projeções, mantendo preservadas a identidade e a realidade. Por outro lado, essa especulação baseada na experiência é problemática, independentemente

da aceitação de sua veracidade, porque opera em *nível de determinação*, que só pode originar interpretações demasiado genéricas e naturalmente irrefutáveis. São provavelmente verdadeiras, mas certamente pouco úteis. Coisa bem diferente é realizar uma investigação científica para indagar acerca da especificidade da representação de cada grupo, bem como acerca dos níveis mais superficiais e pertinentes de estruturação lógico-emocional da representação.

Interessam-nos, exatamente, os níveis mais superficiais e pertinentes do inconsciente relativo, porque só aí existe possibilidade de intervenção interpretativa fecunda no empenho da desconstrução representacional, o que, diga-se de passagem, também é válido para o contexto da clínica psicanalítica. Concordamos com Moscovici (1978) quando diz que, no fundo, toda representação social visa lidar, de um modo ou de outro, com as angústias existenciais básicas, características da fragilidade humana. Por esse motivo, não nos interessamos pelo fundo do campo estruturante, que é provavelmente sempre o mesmo, mas pelos níveis mais superficiais, nos quais encontramos diferenciações e podemos operar.

As diferenças e semelhanças entre os diferentes grupos estudados demonstram a utilidade desse tipo de pesquisa, assim como deixam claro que a desconstrução representacional segue linhas particulares, de acordo com o inconsciente relativo de cada grupo. A elucidação dessas linhas particulares, a partir do estabelecimento dos determinantes inconscientes, é tarefa que a psicodinâmica das representações sociais pode seguramente realizar, apoiando-se no método psicanalítico, na psicologia projetiva e, especificamente, no Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema.

## **5. SUGESTÃO DE TRATAMENTO DO MATERIAL OBTIDO POR MEIO DO PROCEDIMENTO DE DESENHOS-ESTÓRIAS COM TEMA**

O Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, na medida em que facilita a expressão subjetiva em marco projetivo, pode ser entendido como aplicação técnica possível do método psicanalítico, ainda que, por sua versatilidade, possa ser objeto de variados tipos de tratamento, em

conformidade com outros referenciais teóricos. De acordo com a visão psicanalítica, entretanto, presta-se admiravelmente à busca de elucidação do inconsciente relativo, implicando, nesse caso, uma leitura transferencial do material. Como sabemos, na situação específica de atendimento psicanalítico individual, denomina-se “escuta transferencial” a assunção, por parte do analista, de que todo discurso humano, por veicular diversos estratos significativos, pode ser ouvido como relato acerca da posição existencial do sujeito que o enuncia. Por esse motivo é correto afirmar que a interpretação se dá na transferência. No caso do uso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema na pesquisa de representações sociais, privilegiaremos, então, a leitura transferencial *centrada na apreensão do que diz o material acerca da posição existencial do sujeito grupal diante do objeto social em pauta*. Repetimos, portanto, que não se trata da pretensão de apreender o que cada indivíduo diz acerca de si, que requereria o contexto do diagnóstico psicológico compreensivo, mas de captar o que cada indivíduo diz acerca da subjetividade grupal de que é parte.

Cada pesquisador pode e deve criar meios que lhe facilitem cultivar essa leitura transferencial a partir da adoção da atenção equiflutuante. Em termos gerais, tendo-se em mente o objetivo de apreensão dos determinantes lógico-emocionais das representações, pode-se afirmar que, na medida em que o trabalho psicológico é essencialmente intersubjetivo, incide sobre o campo comunicacional como um todo. Qualquer procedimento pode ser utilizado e proposto, na medida em que possa facilitar a captação da dimensão inconsciente. De fato, tanto a produção gráfica como a verbal devem ser consideradas mensagens pelas quais o sujeito responde às solicitações do pesquisador. Entretanto, estudantes que se iniciam nesse tipo de pesquisa solicitam frequentemente orientações no tocante a *como* realizar a interpretação do material. Assim, conciliando essa demanda com o fato de que cada um deve forjar seus próprios meios interpretativos, pensamos ser útil colocar o modo de trabalhar que temos utilizado, não como um modelo a ser seguido, mas como uma *possibilidade analítica*, ou seja, como uma sugestão a ser transformada, aprimorada ou adaptada.

Levando em conta as colocações de Herrmann (1992) quanto aos passos básicos da interpretação psicanalítica (deixar que emerja, tomar em

consideração e completar o desenho), temos usado no tratamento do material obtido por meio do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema um processamento originário de modificações no Procedimento de Análise de Enunciação, proposto por D'Unrug (1974). A finalidade consiste em trabalhar o material de pesquisa obtido com entrevistas não diretivas, de acordo com a visão que privilegia não apenas o que é dito, mas também como é dito.

Pode-se distinguir, em nosso procedimento, três etapas de trabalho. Na primeira, conduzimos a leitura por *atenção flutuante*, de modo a permitir que sejamos emocional e cognitivamente impressionados pela comunicação, ou seja, *deixar que emerja*. Nesta etapa, tudo o que chama a atenção, seja em termos formais, seja em termos de conteúdos, deve ser assinalado. Na segunda etapa, aquilo que se destaca deve ser *levado em consideração*, tornando-se objeto de reflexão e de construção interpretativa. Na terceira etapa, essa reflexão poderá nos levar a *completar o desenho*, a fim de possibilitar levantamentos de hipóteses acerca de qual é (na relação que estabelece em termos existenciais e emocionais com o objeto social pesquisado) a subjetividade grupal da qual estamos nos ocupando.

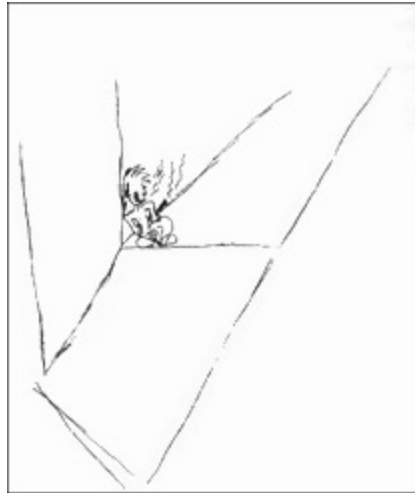
No intuito de servir de guia a essa tomada de consideração e ao completamento do desenho da subjetividade, levando-se em conta o objetivo de apreensão da psicodinâmica das representações sociais, costumamos tentar responder às seguintes questões:

- a) Quais são os temas importantes dessa produção?
- b) Considerando-se o encadeamento sequencial das proposições, que dinâmica discursiva segue a estória?
- c) Qual é o estilo (lírico, heroico, sóbrio, sensacionalista, moralista, acusatório etc.)?
- d) Qual é a teoria implícita a respeito do objeto representacional em questão?
- e) Que tipo de interesse afetivo-emocional é contemplado por essa teoria?
- f) Que tipo de configuração mental grupal produz tal teoria para tal tipo de interesse afetivo-emocional?

Alguns protocolos, oriundos de pesquisa acerca da representação social da doença mental por estudantes universitários, podem dar uma ideia do

tipo de análise que sugerimos:

**Sujeito 1 (idade: 20 anos; sexo feminino).** *Vide Fig. 6.1.*



“Chico era uma rapaz que em sua adolescência passou por um susto muito grande, após um acidente de carro. Desde então, ele passou a apresentar aversão a andar de carro. Tremia, ouvia vozes etc. Aos poucos, seu estado foi piorando. Chico já não saía mais de casa. O mundo externo lhe era uma ameaça. Com o tempo passou a se sentir inseguro, também dentro da própria casa. Seus acessos de nervosismo o tornaram uma pessoa inconvivível. Foi quando Chico foi internado em um hospital psiquiátrico. Desde então, ele aprendeu a fumar e passa suas tardes sozinho, recostado no canto da parede de um quarto.”

